



XXV Semana Paranaense de Turismo da UFPR

SEPATUR 2018 - Edição Comemorativa

Curitiba, 22 à 26 de Outubro



TURISMO, NEOLIBERALISMO E DESENVOLVIMENTO: REFLEXÕES E INTERFACES

TOURISM, NEOLIBERALISM AND DEVELOPMENT: REFLEXIONS AND INTERFACES

Juliana Ferreira da Silva (SILVA, J. F. da)¹;

Carla Holz (HOLZ, C.)²

RESUMO - Este trabalho objetiva realizar uma discussão crítica e teórica sobre o turismo e o neoliberalismo, contemplando aspectos do desenvolvimento a serem destacados no debate. Para isso, foi realizada uma revisão teórica em torno dos temas turismo, neoliberalismo e desenvolvimento por meio de pesquisas bibliográficas. Como principais considerações, foi possível sugerir uma agenda para pesquisas futuras, bem como elencar alguns dos desafios que permeiam o turismo numa sociedade neoliberal e visualizar possibilidades para o desenvolvimento democrático da atividade.

Palavras-chave: Turismo; Neoliberalismo; Desenvolvimento.

ABSTRACT - This study aims to stimulate a critical and theoretical discussion on tourism and neoliberalism, by considering development as an important aspect for the debate. For that, this study engages in bibliographic researches about tourism, neoliberalism and development. It is argued that an agenda for future researches emerged from this study, it was possible to list some challenges faced by tourism in a neoliberal society as well as to observe possibilities for tourism democratic development.

Key words: Tourism; Neoliberalism; Development.

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Paraná. Possui especialização em Gestão Pública e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins. Graduada em Turismo pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: fs.juliana1@gmail.com

² Graduada em Turismo pela Universidade Federal do Paraná. Graduada em Letras Português e Inglês pelas Faculdades Integradas Santa Cruz. E-mail: professoracaraholz@gmail.com

INTRODUÇÃO

Assim como a concepção de desenvolvimento, a de turismo é comumente atrelada ao viés econômico. Tal compreensão negligencia sua capacidade de expansão de melhorias sociais e de proporcionar sociedades mais democráticas. Assim, o entendimento do turismo como alternativa para o desenvolvimento contempla-o como um fenômeno social que transcende a perspectiva, muitas vezes engessada, que considera a atividade puramente como um processo econômico. O turismo enquanto manifestação social abarca aspectos culturais, políticos e econômicos de interação em uma sociedade produzida a partir do movimento histórico do capitalismo.

Diante disso, é importante contextualizar a atividade no cenário do capitalismo e, mais especificamente, do neoliberalismo. Posto que o turismo influencia e sofre influências do sistema de produção no qual está inserido, esta relação de influências se retroalimenta constantemente, formando um importante arcabouço de circunstâncias, um pano de fundo, que deve ser considerado ao analisar o fenômeno do turismo que acontece em uma sociedade neoliberal. Por muito tempo, pouca atenção foi dada aos efeitos desse fato.

Mas quais são os efeitos do neoliberalismo no turismo? Quais são os principais aspectos a serem abordados, nesse contexto, ao se falar em desenvolvimento? O presente artigo objetiva realizar uma discussão crítica e teórica sobre o turismo e o neoliberalismo, contemplando aspectos do desenvolvimento a serem destacados no debate. Para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográficas, especialmente em livros e artigos científicos, tendo em vista a relação das três vertentes que compreendem o mote da pesquisa: turismo, neoliberalismo e desenvolvimento.

A primeira seção discute o neoliberalismo por meio de uma abordagem crítica sobre as imbricações deste sistema, e expõe o cenário no sentido de constatar algumas influências no turismo. A segunda seção disserta sobre o desenvolvimento a partir da perspectiva democrática, tendo em vista alguns temas que convergem para uma concepção ampla de desenvolvimento que merece destaque ao considerar o turismo. Por fim, são apresentadas as considerações finais conectando os temas expostos e propondo uma agenda para pesquisas futuras.

TURISMO NO CONTEXTO DO NEOLIBERALISMO: UMA VISÃO CRÍTICA

Ao tratar de neoliberalismo é importante considerar o fenômeno como um processo histórico em uma sociedade complexa, permeada por incongruências e por conflitos. Nesse sentido, a história das civilizações e das sociedades não é suave e remete a momentos de ruptura, muitas vezes pontos de partida para transformações e remodelações na sociedade.

Para Jan Mosedale (2016), é difícil apontar, com precisão, o momento em que o neoliberalismo emergiu na sociedade. Conquanto as discussões tenham iniciado no final da década de 1930, a ascensão do neoliberalismo ocorreu com a crise financeira dos anos 1970, com a derrocada do keynesianismo. Acontecimentos políticos impulsionaram o processo, como a experiência chilena, com Pinochet, que formou estudantes de Friedman na Universidade de Chicago (também conhecidos como *Chicago boys*); e os governos de Margaret Thatcher, no Reino Unido, e de Ronald Reagan, nos Estados Unidos, com foco na privatização e na implementação de medidas garantidoras de estabilidade fiscal e crescimento econômico.

Convém destacar que o movimento histórico do capitalismo convergiu para o progresso do neoliberalismo. Para David Harvey (2008), o neoliberalismo pode ser entendido como uma nova fase inserida no sistema capitalista, que segue a sua lógica, que se manifesta de diferentes formas e que possui intensidades variadas. Embasado por teóricos como Milton Friedman e Friedrich Hayek, a ideologia neoliberal propõe liberdades individuais, propriedade privada, iniciativa de empreendedores como chaves para a inovação e para a criação de riquezas. Harvey sustenta que a teoria neoliberal entende que a eliminação da pobreza pode ser melhor garantida por meio dos livres mercados e do livre comércio. Mosedale (2016) argumenta que o neoliberalismo prevê que o bem-estar humano pode ser alcançado com o empreendedorismo individual de liberdade de habilidades, sustentado por uma estrutura institucional calcada nos direitos de propriedade e no livre mercado.

Alicerçado na ideia de liberdades individuais, o neoliberalismo e o capitalismo se desenvolvem quando em sinergia com os Estados pois, conforme ressaltava Braudel, aqueles só triunfam quando se identificam com este (BRAUDEL, 1987). O capitalismo e o neoliberalismo não são processos exclusivamente econômicos, uma vez que provocam mudanças em nível cultural, social e político. Ademais, a realidade dos fenômenos é impensável sem a cumplicidade da sociedade em geral, que proporciona um arcabouço de condições para o êxito ou surto dos fenômenos.

Para Douglas Dowd (2000), o imperialismo perpetrado por grandes potências foi fundamentado na expansão dos mercados e na exploração de recursos. A lógica da lucratividade do capitalismo avançou, e as leis capitalistas proporcionaram meios e áreas geográficas de exploração. É a partir da propriedade e do controle da produção que um grupo pequeno detém e controla, enquanto um outro grupo trabalha para sobreviver. As relações sociais entre as duas classes são a base vital para o desenvolvimento do capitalismo e do neoliberalismo.

O modelo neoliberal possui imbricações, conforme ressalta Harvey (2008). A tendência para a superexploração de bens comuns a todos, a transferência para a iniciativa privada de setores geridos e regulados pelos Estados, a competição como virtude primordial, a diminuição de barreiras ao livre movimento, a homogeneização da sociedade global e a competição internacional vista como salutar por proporcionar maior eficiência e produtividade são algumas delas.

Diante deste cenário, o Estado está imerso em um ambiente de assimetrias. Bob Jessop (1997) assevera que neste contexto há tendências de desnacionalização do Estado, como a perda de seu poder de decisão para instâncias supranacionais, a desestatização do sistema político, a ideia de que governanças são mais importantes - o que dá azo à metagovernança, e à internacionalização de regimes de política, como a uniformização da ação do Estado. Apesar deste cenário de tendências que pode levar à conclusão de que a atuação do Estado está diminuindo, isso não implica que o Estado, como instituição, está desaparecendo. O que se vislumbra é uma metamorfose promovida por mudanças estruturais na sociedade e na economia mundial. Destarte, vale ressaltar que o papel do Estado é fundamental, não somente como instância reguladora, normatizadora, administradora e organizadora da ordem social, mas também como promotor de mudanças sociais e do desenvolvimento.

As transformações na sociedade acarretadas pelo neoliberalismo moldam as interações entre indivíduos, modificam hábitos e instituições, criam regras e produzem novos valores. Diante disso, as atividades desenvolvidas, como o turismo, são também moldadas por este sistema de produção. Jan Mosedale (2016) sustenta que o turismo no contexto do neoliberalismo sofreu modificações tanto positivas quanto negativas, a depender do segmento e do setor em análise.

Mosedale (2016) defende que as principais características do neoliberalismo são a privatização de ativos nacionais; a comercialização do setor público; a criação de mercados; a desregulação e a regulação, bem como os mecanismos de contenção da regulação e da

desregulação; e o foco na autossuficiência de indivíduos e de comunidades. O autor elenca exemplos estruturados do turismo neste contexto. A privatização de ativos nacionais, como o transporte, acarretou impactos negativos em muitos setores da atividade turística, porém algumas áreas específicas foram beneficiadas com as privatizações, como o segmento de turismo de saúde, no qual turistas exploram diferenças político-econômicas entre lugares para o seu bem-estar e, portanto, a privatização dos ativos nacionais fomentou as viagens com fins medicinais e de saúde. A comercialização do setor público, por sua vez, pode ser retratada por meio de medidas adotadas para preservação da biodiversidade (de parques e de áreas naturais, por exemplo), na qual os locais são levados a superar o suporte governamental por meio de inovação de fundos, em um contexto de mercado; a comercialização das áreas protegidas envolve, por conseguinte, a cobrança de taxas para a manutenção dos serviços de proteção. A criação de mercados é evidenciada por meio da monetarização de esferas da sociedade e de bens não renováveis, uma vez que até mesmo cotas para a degradação do meio ambiente são vendidas em mercados, como os créditos de carbono. A desregulação como estratégia permite a competição, a autorregulação de mercados e a redução da atuação governamental, o que pode atrair mais investimentos - um exemplo claro é a desregulação do setor de tráfego aéreo, que facilitou a entrada de produtos, sem barreiras de trânsito, taxas, quantidades e outras cotas. Já a regulação estruturou as relações entre capital, instituições e sociedade, na qual a arena política do turismo pode ser caótica e calcada em uma variedade de escalas geográficas. O foco na autossuficiência de indivíduos e de comunidades é uma característica do neoliberalismo, ao passo que desconsidera desigualdades estruturais e entende o indivíduo como um ator racional que negocia e empreende em mercados livres.

Lynn Minnaert (2016) argumenta que conceitos de alguns segmentos do turismo, como o turismo social, sofreram mudanças consideráveis ao longo do tempo, até chegar, hodiernamente, a interpretações mais neoliberais. As origens do turismo social remetem a sociedades industrializadas emergentes no final do século XIX, período em que o segmento ascendeu lado a lado ao turismo tradicional, *mainstream* e comercial não como um produto per si, mas como uma iniciativa capaz de proporcionar o acesso de outras camadas sociais a estruturas de bem-estar e de saúde durante períodos de férias, a partir do entendimento ideológico claro de que o tempo livre e o bem-estar dos indivíduos na sociedade faz parte do direito das pessoas de desfrutar de seu tempo livre como recompensa de seu trabalho. Posteriormente, outros conceitos foram incorporados ao turismo social, como o turismo solidário, que introduziu um senso de solidariedade entre turistas e população receptora. As

formas mais recentes de turismo social, por sua vez, são inspiradas em uma perspectiva de regeneração econômica com foco em grupos-alvo, que visa a reverter a demanda suprimida e a atrair turistas para destinos em declínio.

Com as mudanças no cenário em que a atividade turística acontece, motivadas pela visão neoliberal, é importante destacar que o turismo pode ser uma alternativa para o desenvolvimento. Assim, o próximo capítulo abordará uma discussão sobre desenvolvimento e suas relações com o turismo.

DESENVOLVIMENTO A PARTIR DA PERSPECTIVA DEMOCRÁTICA

O discurso sobre desenvolvimento deve ser contextualizado em uma sociedade neoliberal, uma vez que as mudanças estruturais que ocorrem na sociedade estão assentadas nesta dinâmica. Nessa perspectiva, floresce a visão polarizada de um mundo que separa os Estados em desenvolvidos e subdesenvolvidos e torna o desenvolvimento o objetivo principal a ser perseguido. O conceito de desenvolvimento pode ser mais amplo: se anteriormente era relacionado principalmente à ideia de crescimento econômico, hoje em dia são atribuídas questões como sustentabilidade, qualidade de vida da população, liberdade, democracia, entre outros.

O cenário capitalista (e neoliberal) de acumulação de riquezas e de transferência do excedente econômico da colônia para a metrópole, da periferia para o centro e das classes mais baixas para as superiores, é entendido por teóricos como Gunder Frank (1971) como gerador tanto de desenvolvimento quanto de subdesenvolvimento. Assim, o desenvolvimento de alguns determina, invariavelmente, o subdesenvolvimento de outros. Ambos, desenvolvimento e subdesenvolvimento são, portanto, faces simultâneas do mesmo processo.

Embora a difusão do desenvolvimento possa representar um progresso da humanidade e a disseminação de seus benefícios em larga escala, mormente no que tange à melhoria da qualidade de vida humana, análises sobre o fenômeno apontam a direção contrária, ou seja, a maximização das assimetrias mundiais.

Sobre o desenvolvimento no contexto da globalização, Santos (2001) explica que cada sistema técnico representa uma época, ou seja, o desenvolvimento acontece ao lado da ampliação das técnicas. Para o autor, a nossa época é marcada pelas técnicas da informação, que permitem a comunicação não apenas entre as diversas técnicas existentes, como também

o aumento do comércio. Nesse aspecto, é preciso contextualizar o turismo como uma atividade econômica inserido num meio marcado pela técnica da informação. Essa técnica é capaz de promover a atividade turística não apenas sob seu viés econômico, como também social.

O conceito de desenvolvimento permeia também os estudos na área de turismo pois, como alerta Maldonado (2009), o turismo representa um complemento ao progresso econômico e ocupacional e permite potencializar e dinamizar as atividades tradicionais nas comunidades. Por esse motivo é preciso considerar o turismo como uma atividade capaz de promover o desenvolvimento econômico e social, alicerçado em medidas que garantam práticas democráticas, como a liberdade de participação e a transparência das ações tomadas pelo governo.

Nesse aspecto, Acosta (2016) alerta que o mundo ordenou o desenvolvimento como um imperativo, oferecendo planos, programas, projetos, teorias e manuais como meios para alcançar esse objetivo. Para o autor, esse desenvolvimento culminou, inclusive, numa aceitação do “vale-tudo”, regra em que tudo é tolerado em nome do progresso, desde a aceitação da devastação ambiental e social até a negação das raízes históricas e culturais. Esse alerta é fundamental para definir de maneira consciente e crítica quais ações de promoção do turismo serão aplicadas e se essas ações de fato contribuirão para o desenvolvimento social e econômico das comunidades em que serão implementadas.

Sen (2000) afirma que o desenvolvimento requer a retirada das principais fontes de privação da liberdade, como a pobreza, a carência de oportunidades e a negligência dos serviços públicos, e a liberdade é elemento fundamental não apenas para o desenvolvimento, como também para o exercício democrático. Por esse motivo, antes de propor medidas de desenvolvimento por meio do turismo, é necessário observar se os aspectos básicos que garantem a participação da comunidade local estão sendo respeitados.

Ao abordar o conceito de autoridade coerentemente democrática, Freire (2011) afirma que é a partir da liberdade que o sujeito se torna apto para pensar e dialogar de maneira independente, responsável e, preferencialmente, ética, pois a liberdade implica escolhas que, somente quando praticadas com responsabilidade, serão éticas.

Sobre a importância da liberdade no contexto de interação social, Comparato afirma que “a verdadeira liberdade não é uma situação de isolamento, mas, bem ao contrário, o inter-relacionamento de pessoas ou povos, que se reconhecem reciprocamente dependentes, em situação de igualdade de direitos e deveres” (COMPARATO, 2006, p. 537).

A respeito desse diálogo entre liberdade e democracia, Sen (2000) alerta que a violação da liberdade resulta diretamente na negação de outras liberdades – como as políticas e as civis, e essa se concretiza a partir de regimes autoritários que impõem restrições à liberdade de participação da vida social, política e econômica da comunidade. Para que haja o desenvolvimento econômico e social do turismo é preciso garantir um ambiente coerentemente democrático e com liberdade de participação da comunidade local. Por esse motivo, o autor afirma que a expansão das liberdades humanas é tanto o principal fim como o principal meio de desenvolvimento. O autor lista as facilidades econômicas, as liberdades políticas, as oportunidades sociais, as garantias de transparência e a segurança protetora como papéis instrumentais da liberdade. Apenas num contexto em que são garantidos os direitos fundamentais, o indivíduo encontra oportunidade de contribuir para o desenvolvimento da comunidade a que pertence.

É importante destacar que o desenvolvimento democrático e participativo do turismo depende não apenas de políticas que garantam a liberdade, como também a transparência a respeito das tomadas de decisões feitas pelo governo. Smith (2009), ao compor o quadro analítico dos bens das instituições democráticas inclui a transparência como inerente às práticas democráticas. Da mesma maneira, Bobbio (2015) afirma que a transparência é elemento fundamental na promoção de uma democracia transparente e ética, pois a ação política consciente dos cidadãos depende do pleno conhecimento dos assuntos do Estado.

É nesse cenário de garantia da liberdade e da transparência das ações do governo que o turismo pode ser tratado como uma prática econômica e social capaz de promover a participação da comunidade de maneira democrática. Nesse aspecto, Comparato (2006) distingue o conceito de liberdade do conceito de solidariedade afirmando que essa – a solidariedade – tem o caráter de reunir a comunidade em torno de um objetivo comum.

Nesse sentido, contribui Sen (2000) que apenas com oportunidades sociais adequadas, os indivíduos podem efetivamente moldar seu próprio destino e ajudar uns aos outros. Nesse sentido, o turismo pode ser considerado uma atividade capaz de promover a participação e o desenvolvimento social e econômico de comunidades que são beneficiadas pela atividade.

No cenário neoliberal, o turismo aparece como uma atividade econômica e social capaz de ser recriado a partir de novas práticas. Ao analisar o neoliberalismo, Jan Mosedale (2016) defende a observação das práticas cotidianas, sejam elas ações criadoras da materialidade ou relações e estruturas sociais presentes em um determinado contexto específico.

Há uma grande diversidade de prismas de análise para estratégias de desenvolvimento. Stiglitz (2006) enfatiza que muito embora Consenso de Washington defenda como estratégias o Estado mínimo, a ênfase à privatização, à liberalização do mercado e à desregulação do setor, na prática esta tática deu pouca ênfase à igualdade. Assim, o autor defende pilares para o desenvolvimento ou alternativas para um desenvolvimento mais democrático. Nesse sentido, é necessário aliar as esferas: mercado, governo, indivíduos e comunidades, a fim de compartilhar o crescimento econômico, de promover a qualidade de vida da população, de expandir as liberdades individuais e de fortalecer cada vez mais a democracia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo, enquanto atividade capaz de promover o desenvolvimento econômico e social, não pode ser concebido sem a visão crítica dos atores envolvidos em sua dinâmica. O presente trabalho buscou realizar uma discussão crítica e teórica sobre o turismo e o neoliberalismo, contemplando aspectos do desenvolvimento abordados no debate. A pesquisa realizada mostrou os principais desafios para o desenvolvimento democrático da atividade turística numa sociedade neoliberal. É importante destacar que a contribuição econômica gerada a partir do turismo beneficia as comunidades envolvidas, porém é necessário também reafirmar o posicionamento consciente dos grupos responsáveis pela formulação e implantação de propostas de desenvolvimento da atividade.

Para isso, o artigo assumiu principalmente as constatações de Jan Mosedale, que aborda o tema de turismo e neoliberalismo no sentido de ilustrar, avaliar e explicar os efeitos das variáveis do neoliberalismo no turismo por meio de exemplos estruturados.

Como apresentado neste estudo, o turismo é capaz de contribuir para o desenvolvimento econômico e social das comunidades, na valorização da cultura local e na geração de renda das comunidades beneficiadas pela atividade. Inseridos em um contexto neoliberal, os benefícios econômicos gerados a partir do turismo devem ser apontados como um aspecto positivo, ao mesmo tempo que o desenvolvimento social e a liberdade de participação da comunidade local devem ser assegurados. Nesse cenário, um dos principais desafios para o desenvolvimento democrático do turismo em uma sociedade neoliberal é o forte apelo lucrativo em detrimento dos valores sociais e culturais.

Nesse contexto, o desenvolvimento democrático do turismo aparece como uma possibilidade para reavaliar condutas e propor novos olhares para a atividade. Elencar os principais desafios e, a partir deles, propor uma reflexão crítica, é uma forma de conciliar interesses socioeconômicos e valores culturais por meio do turismo.

O presente estudo não teve a pretensão de esgotar a pauta apresentada, já que apenas alguns autores que se dedicam à temática foram aqui aludidos. Assim, pesquisas futuras podem se dedicar ao assunto proposto neste artigo a partir da abordagem de outros teóricos. Convém destacar também que para agendas de pesquisas futuras recomenda-se a análise de outras variáveis além das aqui investigadas, a fim de expandir o debate. O papel do Estado no turismo, as políticas públicas que podem ser exploradas no sentido do desenvolvimento, as instituições de participação democrática que podem contribuir para o turismo e de que maneira a ética e a responsabilidade social dialogam com o neoliberalismo são algumas delas.

Cabe ressaltar, por fim, a relevância do estudo exposto e de suas pesquisas futuras, tendo em vista suas contribuições para a área do turismo, não somente no que tange às reflexões aqui incitadas, mas principalmente no que se refere ao aperfeiçoamento do debate no âmbito acadêmico e, transbordando esta esfera, nos âmbitos governamental e empresarial.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

BRAUDEL, Fernand. **A Dinâmica do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1987.

BOBBIO, Norberto. **Democracia e Segredo**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

COMPARATO, Fábio Konder. **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DOWD, Douglas. **Capitalism and its Economics: a critical history**. Chippenham, Inglaterra: Ed. Pluto Press, 2000.

FRANK, André Gunder. **Do subdesenvolvimento capitalista**. Ed. Chaves da Economia, 1971.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.

SILVA, J. F. da.; HOLZ, C. Turismo, neoliberalismo e desenvolvimento: reflexões e interfaces. In: SEMANA PARANAENSE DE TURISMO DA UFPR, 25., 2018, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2018, p. 1-11.

JESSOP, Bob. Capitalism and its future: remarks on regulation, government, and governance. **Review of International Political Economy**, 4 (3), 435-455, 1997.

MALDONADO, Carlos. O turismo rural comunitário na América Latina: gêneses, características e políticas. In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis G.; BURSZTYN, Ivan. (org). **Turismo de Base Comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Ministério do Turismo. Letra e Imagem, 2009. pp. 25-44.

MINNAERT, Lynn. Social Tourism: From redistribution to neoliberal aspiration development. In: MOSEDALE, Jan. **Neoliberalism and the Political Economy of Tourism**. Oxon: Routledge, 2016.

MOSEDALE, Jan. Neoliberalism and the political economy of tourism: projects, discourses and practices. In: MOSEDALE, Jan. **Neoliberalism and the Political Economy of Tourism**. Oxon: Routledge, 2016.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SMITH, Graham. **Democratic Innovations**: designing institutions for citizen participation. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

STIGLITZ, Joseph, E. **Making globalization work**. EUA: W. W. Norton & Company, 2006.